

ATRÁS DO PALCO, NAS OFICINAS DO FUTEBOL

JÚLIO GARGANTA¹

Um pedaço na superfície do globo terrestre, sobre o qual traçaram um rectângulo de linhas brancas e plantaram postes verticais encimados por uma barra, não é um lugar qualquer. É um campo de Futebol.

Um campo de Futebol é, em si próprio, um universo. Ele guarda a memória de todas as partidas que aí se jogaram, dos fantasmas dos jogadores que caíram, que se magoaram e que choraram. Mas ele encerra também todos os jogos que virão ainda a disputar-se, de golos insanos que hão-de ser marcados.

Pisar a relva de um estádio é habitar um tempo em suspenso. Um terreno de Futebol vibra mesmo quando vazio. Ele nunca está em repouso. Um terreno vazio é como um écran branco de cinema: a partir desse momento, todas as histórias são possíveis.

Didier Tronchet (2004)

Como outras actividades em que o desempenho humano adquire um sentido de transcendência, o Futebol desperta paixões, suscita críticas e inspira artistas. Neste sentido, pode dizer-se que o melhor dele está nos muitos mundos que contém e que dá ao Mundo.

Um jogo inscreve-se num instante. Tudo acontece, tudo se inventa, diante dos nossos olhos. O espectáculo é vivo e irrepetível. No microclima emocional de cada estádio emergem paixões capazes de fazer estalar o mais espesso dos vernizes sociais. Por isso, o Futebol é capaz de nos resgatar a muitas tristes horas de cinzentismo e de frustração; o pé que chuta é um prolongamento da vontade de vencer a estupidez do mundo e a incompreensão dos homens.

Curiosamente, este fenómeno de mundialização tem escapado à hegemonia norte americana, pois os Estados Unidos da América, para além de não serem uma grande potência futebolística, não conseguiram impor ao resto do mundo as suas preferências desportivas (Boniface, 2002).

A magnitude do protagonismo social da “frivolidade mais séria do mundo”, como lhe chama Christian Bromberger (1998), justifica plenamente que o Futebol se constitua como um exemplo de modelo desportivo evoluído, enquanto actividade organizada e humanizante. Sabendo-se que é, indubitavelmente, o fenómeno mais marcante do final do século XX e princípio do século XXI, trata-se não apenas de uma exigência funcional, mas também de um imperativo ético e moral.

Todavia, nos últimos anos este jogo desportivo tem-se visto mergulhado num emaranhado de “negócios” que estão a pôr em perigo a sua identidade (Cruyff, 2002), pelo que faz sentido perguntar se a vaga economicista que parece estar a promovê-lo enquanto espectáculo, não virá a ser, num futuro muito próximo, a principal responsável por fazer definir o verdadeiro espírito do jogo (Garganta, 2002).

Os carentes de mediatização têm usado e abusado do Futebol, bem mais motivados pela vontade de angariação de proventos de ordem económica, do que pela promoção da actividade desportiva e

¹ Universidade do Porto, Portugal - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

dos seus intervenientes (Garganta, 2002). Os discursos atropelam-se, dizem-se, desdizem-se e contradizem-se; joga-se mais fora do que dentro. Como escreveu Manuel Alegre (2002), há mais jogo falado do que jogo jogado.

Concordamos com Bourdieu (1998), quando afirma que todas as teologias religiosas e teodiceias políticas tiraram partido do facto de as capacidades generativas da língua poderem exceder os limites da verificação empírica, para produzirem discursos formalmente correctos mas semanticamente vazios.

Para evoluir e poder ser maior do que ele próprio, o Futebol precisa de tomar em mãos o próprio destino, o que implica uma não rendição às suspeitas incursões dos que o pretendem canibalizar.

Àqueles que gostam de Futebol, aos que o jogam e treinam, aos que o pensam e sobre ele escrevem, é legítimo exigir-se que se afirmem como bastiões contra a erosão e o descrédito desta modalidade. A formação e a investigação podem e devem ser antídotos importantes, quiçá imprescindíveis, para cumprir este desiderato (Garganta, 2002).

TREINADOR: O ARTÍFICE DA PERFORMANCE DESPORTIVA

A gestão do treino visa a condução de um grupo com objectivos comuns, bem como a organização e a coordenação de interesses e motivações. Neste sentido, aparentemente, aproxima-se mais do acto político do que da ética. Talvez por isso, há muito quem pretenda fazer crer que a ética no Futebol é coisa para visionários. Albert Camus dizia que em política, são os meios que devem justificar os fins; e assim nos parece também no Desporto, onde o treino e o talento devem justificar os resultados.

No treino, como na competição, o Futebol só tem a ganhar se assumir frontalmente a sua humanidade, em resposta a uma questão estruturante: como preparar os jogadores e as equipas de modo a que o jogo seja cada vez mais competitivo e aliciante, ao mesmo tempo que se enaltece e promove a natureza humana?

Como adverte Rei (2002), o mundo está repleto de triunfadores que não souberam colocar um limite às suas ambições. As vitórias, incluindo as desportivas, só o são de facto se delas ficar algo que as transcenda. Diríamos, com Vergílio Ferreira, que: "... o importante não é o que acontece, mas o que fica em nós desse acontecer."

Note-se que não há apenas uma forma de jogar e de treinar Futebol. Treinar implica transformar comportamentos, e sobretudo atitudes, optando por um modelo, entre outros possíveis. E o que faz um método afigurar-se mais pertinente pode ser a sua adequação à personalidade do treinador e dos jogadores, bem como à cultura específica do clube onde o trabalho se desenvolve. Neste sentido, o treino será sempre, por definição, a recusa do destino, da sorte e do azar, não podendo, nunca, ser neutral. O treinador deve tomar partido, elegendo a sua visão, o seu método, o seu caminho, tomando consciência de que os métodos são bons quando os seus utilizadores reconhecem o respectivo alcance e limites; não a sua onipotência. Todos os métodos encerram prós e contras e, portanto, a opção por uns ou por outros deve obedecer a razões pensadas e ponderadas.

Neste contexto, o treinador assume-se como figura nuclear, pois a ele compete gerar e gerir todo o processo de preparação desportiva.

Sem subalternizar o resultado desportivo, ao treinador de uma equipa compete-lhe, também, ser um cultor do sentido estético do Futebol, afirmando-se como um indutor de modos de jogar edificantes, não só para quem joga mas também para quem assiste ao jogo. De entre o conjunto de responsabilidades e exigências que se devem colocar aos treinadores, uma das mais significativas passa por eles próprios gostarem de Futebol, gostarem do jogo e participarem activamente na sua

construção, enquanto arquitectos de um espectáculo que emocione os aficionados, e que, simultaneamente, valorize o significado do Desporto, enquanto património cultural da humanidade. O papel do treinador de Futebol não deve, assim, ser entendido nos limites restritos do “técnico”, do instrutor ou do adestrador, pois dele se espera que seja capaz de liderar o processo global de evolução dos atletas a seu cargo, induzindo a transformação e o refinamento dos comportamentos e atitudes, na procura do rendimento desportivo. Acresce que a sua filosofia de actuação não pode dispensar a intenção de criar uma dinâmica positiva na colectividade onde trabalha, de forma a favorecer o desenvolvimento de uma cultura desportiva e a melhoria das respectivas condições materiais e humanas.

Deste modo, o treinador de Futebol deverá conhecer a modalidade em todas as suas facetas, sabendo que será chamado, a cada momento, a tomar decisões sobre questões técnicas, táticas, logísticas,..., e a assumir as respectivas consequências. Tal multiplicidade de requisitos torna imprescindível a existência de um sólido capital de competência técnica, de personalidade e de inteligência estratégica.

Resulta claro que a actuação do treinador, enquanto líder de uma equipa e de um projecto, não se confina à direcção *in situ* da actuação dos jogadores, no treino e na competição, embora seja nestes contextos que a sua intervenção assume maior preponderância.

Rei (2002) considera que o líder de uma organização deve abraçar três funções básicas: (1) marcar o rumo, desenvolvendo uma visão de futuro; (2) alinhar as pessoas nessa direcção, comunicando eficazmente; e (3) motivar e inspirar, transmitindo energia.

A função do treinador é, pois, ampla e muito susceptível, porquanto sujeita a flutuações de humor, quebras psicológicas, depressões, fadiga, acompanhados de uma sensação de isolamento, embora, em contrapartida, temperada com uma sensação de exaltação, de heroicidade.

Não obstante, o treinador só pode ser um optimista, porque o treino e a competição necessitam de optimismo do mesmo modo que os jogadores necessitam da bola para aprimorarem a sua performance. Os pessimistas poderão ser bons adestradores, mas não serão nunca bons treinadores.

A experiência demonstra que o êxito na condução de pequenos grupos, como as equipas, sempre dependeu de indivíduos que, para além das competências técnicas num determinado domínio, se revelaram grandes comunicadores. Ora o comunicador não é apenas alguém que preenche um vazio ou que transmite informação, e que cumpre ou faz cumprir programas. Antes procura deixar um traço ou marca pessoal no que diz e faz; procura influenciar, criando valores e ideias (Rei, 2002).

DA CONSTRUÇÃO DA EQUIPA À PREPARAÇÃO DOS JOGADORES

As sucessivas transformações operadas no âmbito do Futebol deram origem ao surgimento de uma hemiplegia desportiva, consubstanciada na divisão dos clubes em duas figuras: a do clube empresa e a do clube desportivo. Neste quadro, ao discurso do treinador tem-se sobreposto uma espécie de pedantismo empresarial que tudo procura explicar e solucionar.

Apesar de muito se especular a propósito dos múltiplos factores que concorrem para o êxito em Futebol, continua a ser verdade que o TREINO constitui a forma mais importante e mais influente de preparação dos actores para a competição. Por tal motivo, o processo de construção das equipas e de preparação dos jogadores de Futebol mobiliza uma significativa concentração de esforços, por parte de todos quantos procuram, insistentemente, apurar meios e métodos de treino, de modo a induzir o êxito desportivo e a torná-lo cada vez mais consistente.

Na tentativa de perceber como os atletas alcançam os mais altos patamares do sucesso desportivo e, sobretudo, como aí se mantêm, os pesquisadores vão chegando à conclusão de que a excelência desportiva requer, cada vez mais, uma perspectiva “inteira” dos processos de treino e competição.

Por isso, o entendimento mais ajustado parece ser o que amplia mais o raio de acção destes processos e não tanto o que os miniaturiza.

O Desporto não convive bem com simplificações abusivas, venham elas do senso comum ou da ciência. Particularmente, o treino, à medida que vai recorrendo aos contributos da ciência, vai-se também configurando cada vez mais como uma arte, pois só se consegue dominar através do exercício quotidiano, e nos casos em que “faz a diferença”, muito deve à intuição. Diríamos que é uma arte que depende cada vez mais da ciência para evoluir e se autonomizar.

Embora raramente figurem em textos de divulgação, os processos que levam à construção das equipas e à preparação dos jogadores, não são menos fascinantes do que as grandes partidas de Futebol. Sabendo-se que a antecâmara do confronto desportivo formal encerra facetas que despertam uma evidente curiosidade, é pelo menos estranho que tais assuntos estejam como que envoltos numa neblina de contornos esotéricos.

Existem várias formas de jogar Futebol e de conseguir resultados, do mesmo modo que existem várias maneiras de treinar. Não obstante, no treino do Futebol trata-se de gerar uma harmonia ou sintonia entre todos, uma equipa, e um projecto.

Uma equipa é um concerto de cumplicidades, expressas na vinculação a uma visão, a um modelo, a um ideal. Desta feita, o treino não é algo para consumir, mas para assumir, o que implica cultivar comportamentos e, sobretudo, atitudes. Contudo, a edificação de um grupo, portanto de uma estrutura com identidade própria, envolve mecanismos que se deterioram com facilidade, porque revelam extrema sensibilidade às pequenas variações.

As equipas de Futebol de alto rendimento são grupos de elevado potencial que procuram afirmar uma identidade e preservar a sua integridade. Na busca das melhores formas para rentabilizarem a acção, a eficácia decorre dumha cumplicidade operacional, sustentada nas inteligências individuais que devem servir uma inteligência colectiva. Tal cumplicidade fundamenta-se numa compatibilização de conhecimentos, os quais, no caso do Futebol, consistem num conjunto de regras de acção e de princípios de gestão do jogo.

Como refere Richard (1990), o nosso conhecimento sobre os seres e as coisas é constituído por aquilo a que chamamos os conceitos. O conceito é, portanto, uma entidade cognitiva de base, que permite associar um sentido às acções que realizamos.

Todo o processo de treino consiste na implementação de uma cultura de jogo, em referência a conceitos e princípios. Trata-se de desenvolver rotinas para jogar, configurando memórias adaptáveis, versáteis, para que individualidade e unicidade sejam não só compatíveis como complementares.

Construir uma equipa é combinar talento individual com consciência aumentada de grupo. Jackson & Delehanty (2002) dizem que a maneira mais efectiva de forjar uma equipa é apelando às necessidades dos jogadores se conectarem com algo maior do que eles próprios.

Do que foi mencionado, pode inferir-se que para se ser jogador de alto nível não basta nascer com talento; torna-se imprescindível treinar. A genética predispõe para algo, mas só por meio da modificação das atitudes e comportamentos se consegue, efectivamente, sê-lo. Neste sentido, o talento possibilita e potencia a aprendizagem, mas não pode substituí-la, o que significa que o capital biológico do jogador necessita de validação posterior.

Exprimir o talento é algo que leva tempo e exige treino. A rotina tem que potenciar esse treino, em vez de o suprimir ou substituir. Diríamos que antes de se entregar a um processo de treino, pode existir um talento, mas o jogador só existe depois disso.

A este propósito retomamos uma questão recorrente: Quanto do que se adquire através do processo de preparação desportiva está relacionado com o treino e quanto está dependente dos factores genéticos?

Convém ter presente que o treino é um processo que visa libertar o jogador da limitação da mera experiência pessoal, mas que simultaneamente a aproveita para ver maximizados os seus efeitos.

Treinar não é, portanto, clonar jogadores, mas dar espaço para que cada um exprima a sua individualidade no respeito pelo projecto colectivo.

Por outro lado, através do treino procura-se resgatar o praticante ao seu determinismo genético, naquilo que ele pode comportar de negativo para a realização desportiva, e, ao mesmo que tempo, visa-se tirar partido das suas mais-valias no sentido de potenciar o efeito da exercitação sistemática. Tal entendimento conduz-nos à ideia de que, entre as centenas de formas possíveis de se jogar e treinar Futebol, o importante é considerar a relação custo-benefício, em função do modelo de jogo e dos jogadores que o irão interpretar.

Por analogia, diríamos que o facto de um maestro dispor de músicos excepcionais lhe pode proporcionar boas perspectivas de formar uma orquestra de alta expressão musical, mas que esse pressuposto apenas pode ser validado através do trabalho diário de coordenação e de construção do grupo.

A REFLEXÃO SOBRE O SABER FAZER

Num mundo em constante ebulição, como é o do Futebol, só a inteligência pode ajudar verdadeiramente, pelo que se torna fundamental pensar sobre o que fazemos para se poder perceber se fazemos como pensamos, ou a que distância nos encontramos disso e porquê. Por isso, o verdadeiro treino não consiste apenas em criar um saber-fazer, mas também em desenvolver um conhecimento sobre o saber-fazer.

Deste modo, a denominada análise da performance em Futebol, sobretudo no que concerne à análise do jogo e do treino, assume como que uma centralidade estratégica no processo de preparação desportiva, porque, para além de permitir perfilar e comparar a especificidade dos comportamentos em relação aos modelos de jogo de referência, possibilita o refinamento do processo de treino, no sentido de direccionar adequadamente o comportamento agonístico dos atletas.

Trata-se, de facto de uma das formas de realizar o denominado controlo do treino, através do qual o treinador procura conhecer a que distância se encontra do caminho idealizado e quais as razões que isso justificam. Tal procedimento, ao permitir a identificação dos factores de sucesso e insucesso, abre pistas valiosas para a correcção de trajectórias.

No Futebol, a eficácia deste processo não deve confinar-se, portanto, ao controlo das dimensões física e biológica do atleta, justificando-se a colecta de elementos mais abrangentes e estruturantes que permitam perceber as regularidades e oscilações do comportamento dos jogadores. A adopção de uma “monitorização ecológica” do atleta e da equipa enquadra-se no denominado controlo pedagógico e permite cultivar um entendimento holístico do treino e das relações entre os fenómenos que concorrem para a maximização dos seus efeitos na competição.

Veja-se que, por vezes, o recurso às tecnologias cada vez mais sofisticadas e complexas, nem sempre é sinal de progresso e cientificação, dado que, não raramente, as mesmas funcionam como material de camuflagem de insuficiências pedagógicas e organizativas.

Acresce que a “forma” de treinar é tão importante quanto o próprio conteúdo, dado que as incompetências comunicativas e motivacionais do treinador podem anular os objectivos e desmobilizar os jogadores, distanciando-os do percurso idealizado. Como o treino e o jogo não são equações, mas eventos com história, feitos com gente, a gestão criteriosa de recursos para se alcançar um ou vários alvos, depende da capacidade para resolver conflitos. Neste caso, impõe-se uma escolha, de entre várias alternativas de intervenção possíveis, o que significa que entra em jogo a denominada *competência estratégica*, nomeadamente no que concerne aos aspectos da comunicação.

Baquer (in Pérez Gonzalez, 2001) refere que o objectivo da estratégia (ciência da distância) é *dizer um fazer*, ao contrário da tática (ciência do contacto) cujo objectivo é um *fazer mesmo*. Como sustenta Rei (2002), a comunicação estratégica não se esgota na sua execução: o comunicador deve

monitorizar a acção comunicativa e submetê-la a avaliação, medir os resultados reais, confrontá-los com os objectivos, identificar os desvios e erros cometidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfraquecimento da percepção global dos problemas que afectam o Futebol conduz à fragilização do sentido de responsabilidade de todos e de cada um. Acreditamos que não é possível ter um bom Futebol, feito com pessoas mal formadas, nem nos parece viável um Futebol positivo e moderno, pensado e realizado por mentes destorcidas ou caducas. Como adverte Morin (1999), vale mais uma cabeça bem-feita do que uma cabeça cheia.

Porquê o Futebol está cada vez mais definitivo e globalizado? Como poderemos transformá-lo, sem desvirtuar a sua riqueza? Como evitar que seja um “Futebol a meia haste”?

Contrariamente ao que se possa pensar, o Futebol necessita ainda de mais adeptos. Mas de verdadeiros adeptos; não de profanos. O futuro poderá passar por um casamento não-convencional, entre Futebol, ética e estética. Parece-nos que é na harmonia desta tríade que reside a chave para resistir à desmercantilização do Futebol, de forma a realçar a importância que JOGO e TREINO devem ter, enquanto categorias centrais da sua afirmação.

Se o Futebol é arte, então ele é também o culto do relativo, da diferença; e se é, como pensamos, uma prodigiosa invenção do ser humano, compete-nos ser culturalmente dignos da sua importância, em prol da celebração do Desporto e da vida.

Por isso, o Futebol carece mais de leituras atentas da realidade e de ideias novas, do que de elogios e de comemorações exemplarmente estéreis.

Referências

- ALEGRE, M. (2002). Jogo falado e jogo jogado. *Jornal Expresso* (6 de Abril).
- BROMBERGER, C. (1998). *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris. Bayard.
- BONIFACE, P. (2002). *A terra é redonda como uma bola. Geopolítica do Futebol*. Mem Martins. Editorial Inquérito.
- BOURDIEU, P. (1998). *O que falar quer dizer. Economia das trocas linguísticas*. Linda-a-Velha. Difel.
- CRUYFF, J. (2002). *Me gusta el fútbol*. Barcelona. Johan Cruyff Welfare Foundation.
- GARGANTA, J. (2002). O percurso do Gabinete de Futebol da FCDEF-UP: entre o conhecimento e a acção. *Actas das I Jornadas Técnicas de Futebol*, 76-89. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- JACKSON, P. & DELEHANTY, H. (2002). *Canastas sagradas. Lecciones espirituales de un guerrero de los tableros*. Barcelona. Paidotribo.
- MORIN, E. (1999). *La tête bien faite. Repenser la réforme, réformer la pensée*. Paris. Seuil.
- PÉREZ GONZALEZ, R.A. (2001). *Estratégias de comunicación*. Barcelona. Ariel Comunicación.
- REI, J.E. (2002). *A comunicação estratégica*. V. N. Gaia. DICO, Estratégias Criativas.
- RICHARD, J.-F. (1990): *Les activités mentales. Comprendre, raisonner, trouver des solutions*. Paris. Armand Colin.
- TRONCHET, D. (2004). *Petit traité de Footballistique*. Paris : Albin Michel. Paris. Armand Colin.